

A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E CULTURA NAS LÍNGUAS DO GRUPO

SHONA

THE RELATIONSHIP BETWEEN LANGUAGE AND CULTURE IN THE LANGUAGES OF THE SHONA GROUP

Cardoso Domingos Andrade¹; Alexandre António Timbane²

¹ Professor de Língua Shona, Bolsista do CNPq/UNILAB/IC, Graduando no curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade de Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês (BA). email: cardosoandrade2017@gmail.com

² Professor da Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês (BA), Doutor em Linguística e Língua Portuguesa e Linguista Forense. Email: alextimbana@gmail.com

RESUMO

Designa-se por culturlinguística, o estudo da língua e sua relação com a cultura. É difícil estudar ou compreender língua sem recorrer aos aspectos socioculturais do povo que a fala. Conhecer uma língua não é citar de cor a gramática, mas sim dominar o uso em contexto real da vida em sociedade. Segundo Cucho (1999) a cultura é o conjunto de práticas que caracterizam um povo. A pesquisa questiona quais os valores que as línguas shona estabelecem com a cultura? A pesquisa objetiva discutir a relação entre língua shona e a cultura do seu povo e demonstrar como a língua se socorre dos empréstimos para enriquecer o seu léxico. Segundo a classificação de Guthrie (1967), o grupo linguístico shona pertence à família congo-kordofaniana, sub-família niger-congo, grupo bantu, sub-língua shona. Sendo assim, é do shona (S.10) onde se encontram as línguas korekore (S.11) e suas variantes, cizezuru (S.12), cimanyika (13a) e suas variantes, cindau (S.15) e suas variantes, cinyai, cirozvi (S.16D). (NGUNGA, 2015). Usando o método bibliográfico se chega à conclusão de que as línguas do grupo linguístico shona (S.10) para além de ser faladas em Moçambique, também são faladas no Zimbabwe e na Zâmbia. Termo “bantu” é usado nos estudos da linguística moderna para se referir a um grupo de cerca de 600 línguas faladas por mais de 220 milhões de pessoas. Uma vez que os falantes do grupo shona em Moçambique estão em contato permanente com os shonas do Zimbabwe ocorre a solidariedade linguística em que os moçambicanos fazem diversos empréstimos linguísticos do inglês, uma das línguas oficiais do Zimbabwe.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Cultura. Grupo Shona. Culturlinguística.

ABSTRACT

It is called culturlinguistic, the study of language and its relation to culture. It is difficult to study or understand language without recourse to the sociocultural aspects of the people who speak it. To know a language is not to quote grammar in color, but to master the use in real context of life in society. According to Cucho (1999) culture is the set of practices that characterize a people. Does the research question what values Shona languages establish with culture? The research aims to discuss the relationship between Shona language and the culture of its people and; demonstrate how language borrows from borrowing to enrich its lexicon. According to Guthrie's (1967) classification, the Shona language group belongs to the Congo-Kordofanian family, the Niger-Congo subfamily, the Bantu group, the Shona sub-language. Thus, it is from Shona (S.10) that the languages korekore (S.11) and their variants, cizezuru (S.12), cimanyika (13a) and their variants, cindau (S.15) and their variants cinyai, cyrozvi (S.16D). (NGUNGA, 2015, p.53). Using the bibliographic method, it is

concluded that the languages of the Shona language group (S.10) in addition to being spoken in Mozambique are also spoken in Zimbabwe and Zambia. Term "bantu" is used in the studies of modern linguistics to refer to a group of about 600 languages spoken by more than 220 million people. Since the Shona group in Mozambique is in permanent contact with the Shonas of Zimbabwe, there is linguistic solidarity in which Mozambicans make a variety of language loans from English, one of the official languages of Zimbabwe.

KEYWORDS: Language. Culture. Shona Group. Cultulinguistic.

Como citar este artigo:

ANDRADE, C. D.; TIMBANE, A. A. A relação entre língua e cultura nas línguas do grupo shona. – EARE[internet]. 2019 [acesso em: dia mês abreviado ano];1(1):1-17. Disponível em: DOI: <https://doi.org/>

INTRODUÇÃO

O presente artigo está inserido no Projeto de Extensão “Diálogos entre línguas e culturas africanas e afro-brasileiras no Campus dos Males” desenvolvido na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB, BA) sob orientação do professor Alexandre António Timbane. A pesquisa desenvolve a descrição da língua Shona e promove o ensino no Campus dos Males, ensino sob responsabilidade do Professor Cardoso Domingos Andrade. O Projeto já realizou 2 cursos e já formou 30 estudantes dentre comunidade acadêmica unilabiana (alunos africanos e brasileiros) e comunidade são franciscana.

Em todo mundo, a língua é considerada o instrumento mais importante de comunicação e símbolo de identidade cultural de um povo ou etnia. Vários estudos sobre as relações entre a língua e cultura já foram suficientemente divulgados. Pode-se citar exemplos da hipótese Sapir-Whorf (SAPIR, 1969; WHORF, 1956), Câmara Jr. (1955), Mailhot (1969), Andersen (2009) entre outros que tentaram demonstrar como a língua e a cultura dos falantes são indissociáveis.

A língua é uma das formas de comunicação mais importantes entre os seres humanos. Surgiu simultaneamente com a humanidade com intuito de permitir a troca de ideias e de pensamentos. Para Hoijer “...a linguagem se desenvolveu muito cedo na pré-história do homem, tão cedo que é inteiramente impossível reconstruir qualquer traço da língua (ou línguas) original da espécie humana, pelos atuais métodos de pesquisas históricas...” (HOIJER, 1974).

A afirmação de Hoijer se torna lógica pelo fato de não ter existido na época algum instrumento de gravação, principalmente em povos tradição escrita. O primeiro gravador só foi inventado em 1898, pelo engenheiro dinamarquês Valdemar Poulsen. O desafio de saber como os primatas falavam continua sendo um dos maiores mistérios e desafios da linguística.

Segundo Saussure (2006), a língua é “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Significa que a língua é moldada pela sociedade uma vez que é um conjunto de ‘convenções’ ou ‘cominações’. Essas convenções são importantes para que haja

intercompreensão entre as pessoas.

Câmara Jr. (1955) debate que funcionando na sociedade para a comunicação dos seus membros, a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento, pois resulta de uma cultura. As línguas artificiais (volapuk, esperanto, interlíngua, etc.) tornam-se ‘ocas’, digamos ‘nuas’ devido a ausência do elemento “cultural” e “sociedade”. A língua e a cultura formam um só pacote, quer dizer, a presença um cogita a presença do outro.

O ensino de línguas africanas na África e na diáspora é importantíssimo num momento em que as línguas de origem europeia aumentam o número de falantes decrescendo assim, o número de falantes das línguas africanas. Sabe-se que quase todos países africanos oficializaram as línguas dos colonizadores e assim, reduziu o número de falante de línguas africanas nas últimas décadas. Seria de maior importância que essas línguas africanas sejam revitalizadas e ensinadas para que possam se expandir além-fronteiras.

O ensino de línguas africanas na UNILAB é um momento impar na transmissão da cultura africana que sempre está ligada à cultura, tal como Camara Jr. (1955) discute. A relação entre as línguas africanas e a cultura baiana é visível nas práticas culturais. Muitos fenômenos culturais africanos se ligam às línguas vindas com os povos escravizados da África para o Brasil.

Os primeiros estudos descritivos e de classificação sobre as línguas africanas foram realizados por americanos e europeus que vieram para África em missões religiosas e expedições exploratórias. Desses pesquisadores/linguistas pode-se citar Joseph

Harold Greenberg (1915-2001), Malcolm Guthrie (1903-1972), Clement Martyn Doke (1893-1980), Wilhelm Heinrich Immanuel Bleek (1827-1875), Carl Friedrich Michael Meinhof (1857-1944) entre outros. Essas pesquisas deram uma contribuição importante para a linguística africana moderna ao fornecer um conjunto de dados que aceleram o aprofundamento de pesquisas na área.

Antes da chegada dos europeus, os africanos tinham um tipo de ensino diferente do modelo europeu. Por exemplo, um rito de iniciação (prática cultural) é equivalente a uma faculdade/universidade porque é naquele espaço onde homens e mulheres, jovens e adolescentes aprendem e aperfeiçoam as regras de ser e de estar em sociedade no seu amplo espectro assim como se preparam sujeitos para se lidar com os entraves da vida e do mundo. Não podemos ter amnésia histórica que não lembre que as primeiras duas universidades do mundo surgiram em África especificamente em Marrocos (Universidade al Quaraouiyine, no ano 859) e no Egito (Universidade de Al-Azhar) no ano 988. Essa verdade é escondida por muitos.

A situação linguística africana é complexa. O continente africano possui quatro grandes famílias de línguas, nomeadamente nigero-congolesa (com 1436 línguas), afro-asiática (371 línguas), nilo-saariana (196 línguas) e koisan (35 línguas) dados que nos levam a estimar em mais de 2000 línguas, segundo dados de Heine e Nurse (2000) e Petter (2015). Este número, segundo Heine e Nurse não é fixo e definitivo, pois algumas línguas ainda estão sendo descobertas, outras descritas, outras padronizadas ortograficamente, mas outras estão desaparecendo pelo fato de serem faladas por uma minoria isolada. Sobre a

classificação das línguas bantu, Nurse e Philippon (2003) e Greenberg (2010) indicam 16 zonas: **A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R e S.**

Qualquer língua natural só faz sentido quando compreendida dentro do contexto cultural. Por exemplo, a comunidade surda interpreta e compreende os significados dos sinais dentro do contexto e tendo em conta a forma que ela enxerga o mundo. A cultura é o conjunto complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral e direito, além de costumes e hábitos adquiridos pelos indivíduos inseridos numa determinada sociedade (CUCHE, 1999).

A cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que são transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social. Para Santos (2006), a cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade. Mas também pode ser um conjunto de conhecimentos, de ideias e de crenças, assim como às maneiras como esse conjunto de conhecimento se manifesta na vida social.

Para os colonizadores existia uma única cultura, a cultura ocidental e que quem não a conhece era considerado selvagem ou não assimilado. Por isso mesmo consideraram os povos africanos e americanos como povos sem civilização e que precisavam de uma educação moderna para que pudessem ser efetivamente humanos. Ora, estudos de antropólogos e sociólogos humanistas (e não eurocentristas) verificaram que o ser humano vive imbuído de uma cultura que lhe permite interpretar e compreender o mundo do seu jeito. Essa interpretação irá variar de grupo para grupo de etnia para etnia, de sociedade para

sociedade. Assim, deve ser respeitado sem preconceito.

Moçambique é um país africano, de expressão bantófona onde predominam cerca de vinte línguas do grupo bantu faladas por diferentes grupos étnicos espalhados pelo país. Dessas línguas 17 já possuem a ortografia padronizada, tal como atesta a obra de Ngunga e Faquir (2011). Para além destas, há línguas de origem asiática e europeia faladas por comunidades de imigrantes. O português é de origem europeia e é a única língua oficial, segundo a Constituição de República de Moçambique (2004).

A organização das línguas africanas do grupo bantu

Segundo a classificação de Guthrie (1967), o grupo linguístico shona pertence a família congo-kordofaniana, sub-família niger-congo, grupo bantu, sub-língua shona. Sendo assim, é do shona (S.10) onde se encontram as línguas korekore (S.11) e suas variantes, cizezuru (S.12), cimanyika (13a) e suas variantes, cindau (S.15) e suas variantes, cinyai, cirozvi (S.16D) (NGUNGA, 2015).

Os limites linguísticos naturais são diferentes dos limites políticos criados durante a partilha de África (Conferência de Berlim) em 1884. Por essa razão, muitas línguas faladas em Moçambique ocorrem em países vizinhos (Tanzânia, Zâmbia, Malawi, Zimbabwe, África do Sul e Suazilândia). Por exemplo, a língua xichangana também é falada na África do Sul e no Zimbabwe. A etnia shona do Zimbabwe representa 82% da população (DOKE, 2005) e sempre está em interação mútua com os shona de Moçambique. As populações estabelecem relações comerciais, de familiaridade e de amizade, pois, os limites políticos são artificiais e procuram separar grupos étnicos

que cultural e naturalmente são unidas.

As línguas do grupo linguístico shona (S.10) para além de ser faladas em Moçambique, também são faladas no Zimbabwe e na Zâmbia, logo entendemos que é um grupo linguístico internacional. Termo “bantu” é usado nos estudos da linguística moderna para se referir a um grupo de cerca de 600 línguas faladas por mais de 220 milhões de pessoas (PETTER, 2015). São línguas com características comuns: a) possuem classes indicadores de gênero cujo número varia de 10 a 20 dependendo de língua para língua; b) as classes associam-se em pares de oposição do singular ao plural de cada gênero; c) quando uma palavra tem prefixo independente como indicador de classe, toda a palavra a ela subordinada deve concordar através de um prefixo dependente; b) não tem correlação entre gênero e a noção sexual ou qualquer categoria semântica (NGUNGA, 2015; MAHO, 2003).

A presente pesquisa é de caráter bibliográfico. Sendo assim, os pesquisadores consultaram as diversas obras que discutem a temática para depois testar as teorias com exemplos da língua. Esses exemplos permitiram compreender o estado da situação ligando a teoria da prática. O método comparativo permitiu fazer comparações que nos conduziram aos resultados. Há que realçar a importância do estudo de línguas deste grupo, pois são línguas em perigo de extinção devido às políticas linguísticas e o seu planeamento.

As línguas oficiais do Zimbabwe são o inglês, shona e ndebele (CHIVHANGA, 2008; VIRIRI, 2004). Então, é recorrente encontrar unidades lexicais vindas da língua inglesa para shona e ndebele e vice-versa. Muitos desses empréstimos lexicais são

necessárias (TIMBANE, 2013). Chamamos de empréstimos necessários quando não existe uma palavra ou sentido correspondente na língua. Por exemplo: *pizza, blogue, cookie, triplex, fair-play, internet, jazz, menu, workshop, jiu-jitsu* entre outras. Quando na língua se empresta uma palavra que já tem o seu equivalente, essa palavra é um empréstimo de luxo. (TIMBANE, 2013). Por exemplo: *delete, brother, fashion, delivery, printar, mouse, outdoor, shopping, sex, selfie, game, etc.*

Designa-se por cultolinguística, o estudo da língua e sua relação com a cultura. É difícil estudar ou compreender língua sem recorrer aos aspectos socioculturais do povo que a fala. Conhecer uma língua não é citar de cor a gramática, mas sim dominar o uso em contexto real da vida em sociedade. Segundo Cuche (1999) a cultura é o conjunto de práticas que caracterizam um povo.

Segundo Andersen (2009) a língua se liga à cultura e por isso mesmo o professor de línguas não pode negligenciar os aspectos da cultura dos falantes da língua alvo. Para ensinar a língua shona é preciso saber antes de mais nada como os shona interpretam e manuseiam a cultura. Por exemplo: em shona, a palavra ‘obrigado’ tem singular (*waita zvako*) e plural (*maita zvenyu*). A explicação desse fenômeno está na cultura daquela comunidade linguística. As formas de saudação *Mangwanani* (bom dia), *Masikati* (boa tarde) e *Manheru* ou *urare zvakanaka* (boa noite) são ditas geralmente do mais novo para o mais velho. Quem começa a saudar é o mais novo, saudando o mais velho. Isso é respeitado na tradição e faz sentido naquele contexto. Quando saúda uma pessoa se diz: *urare zvakanaka*, mas quando se saúdam várias pessoas se diz: *murare zvakanaka*. Portanto há pluralização. Não é por acaso que alguns falantes de

português pertencentes àquela comunidade saúdam dizendo “bons dias”. Os falantes transferem a saudação da língua shona para adaptar ao português.

Sem querer ser futurologista, o português africano das próximas décadas terá incorporação de fenômenos linguísticos provenientes da gramática das línguas bantu e khoisan. O cantor rapper angolano Yannick Afroman, no seu álbum “Mentalidade” (2009) já apresenta alguns ideofones. Um dos ideofones mais repetidos nas músicas é **bué** que significa “muito”. Nas frases a) “eu tenho **bué** de irmãos”; b) “ele dá **bué** de voltas”; c) “para dançar dá **bué** de truques”; d) “curtimos **bué**.” e) “**bué** de coisas”. Mas a intensidade e força de cada **bué** em cada frase é marcado pelo som. Quer dizer, as línguas bantu conseguem marcar a intensidade e força do significado da palavra em cada contexto. Logo, a cultolinguística entra em ação para explicar os significados culturais que a língua carrega na palavra, na frase ou no discurso.

A língua é um dos principais meios de comunicação entre os humanos. O ser humano adaptou partes de outros sistemas (especialmente respiratório e digestivo) do corpo para desenvolver a fala. Sendo a cultura parte integrante da sociedade adota a língua para servir de meio de transmissão de valores. Muitos aspectos da língua só são interpretados e compreendidos dentro do contexto cultural. Os significados semânticos, os valores que cada palavra carrega e a contextualização das frases e discursos se devem ao domínio de elementos da cultura. Para ilustrar, daremos alguns exemplos que ilustram as relações entre a língua e a cultura: (i) os ideofones são uma espécie de palavras-imagem (NGUNGA & SIMBINE, 2012) que a partir da força (intensidade) ou duração na pronúncia de

uma palavra carregam elementos semânticos diversos. Esses ideofones são fenômenos inexistentes e intraduzíveis em português; (ii) Os provérbios são fenômenos linguísticos recorrentes na língua shona, tal como o estudo de Matereke e Mapara (2009) demonstrou. Elas carregam significados que (em muitos momentos) são intraduzíveis em inglês ou outra língua europeia porque a sua interpretação e compreensão se liga às vivências e à cultura que envolve a comunidade linguística shona; (iii) na contagem, o substantivo aparece antes do numera. Por exemplo: *dhora rimwe chete* (um dólar), *madhora maviri* (dois dólares), *madhora matatu* (três dólares), *madhora mana* (quatro dólares), *madhora mashanu* (cinco dólares), *madhora matanhatu* (seis dólares), *madhora manomwe* (sete dólares) e assim sucessivamente.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A principal motivação para a presente pesquisa se centra na curiosidade em compreender como as diferentes línguas convivem no mesmo espaço e qual é o relacionamento entre elas. A pesquisa objetiva compreender a interferência de línguas europeias na língua shona. Especificamente, a pesquisa visa a) apresentar a localização e as características da língua bantu- o shona; b) identificar unidades lexicais provenientes das línguas europeias; c) discutir a importância da língua na construção da identidade.

O estudo comparativo é o mais antigo no estudo das línguas no mundo. No caso das línguas africanas foi marcante a pesquisa de Meinhof (1857-1944) comparando swahili e isizulu produzindo gramática comparativa dessas línguas. Beek (1827-1875) e Doke (1893-1980) foram notáveis ao comparar

diversas para compreender as relações de parentesco entre elas. Doke foi muito importante na descrição do shona e outras línguas zimbabueanas e sul-africanas publicando vários livros e artigos comprovados na revisão bibliográfica de Viriri (2004), Grand & Mazuru, (2013), Chivhanga (2008) e de outros.

A língua sendo uma entidade viva varia e muda impulsionado pela vida em sociedade, pelas mudanças históricas da vida e pelas tecnologias. Há palavras que surgem (neologismos), outras desaparecem, outras permanecem por muito tempo e outras são emprestadas de outras línguas por duas razões: por necessidade (quando não houver uma palavra correspondente na língua de chegada) ou por luxo (quando existe o equivalente e se opta pela estrangeira por ser bonito, chique ou na moda) (TIMBANE, 2013).

A presença de línguas europeias na África influenciou bastante na mudança cultural incluindo nas línguas. É que os europeus trouxeram sua civilização e novos referentes que anteriormente não existiam, daí a necessidade de adaptação a cada situação nova. A adaptação gramatical está sempre prevista no sistema da língua. Veja-se, por exemplo, que todos os verbos de línguas estrangeiras ao chegar no português são enquadradas automaticamente na primeira conjugação terminando em -ar: tuitar, printar, deletar, tchecar, facebookar, biznar, djimar, djampar, lobolar, tchovar, etc.

NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA: RESULTADOS E DISCUSSÃO

As características das línguas bantu são bem diferentes das europeias. Elas funcionam na base de prefixos para indicar

do número. O quadro 1 resulta da seleção aleatória de algumas unidades lexicais selecionadas na fala de dois falantes de shona como língua materna.

Quadro 1: Prefixos nominais na língua shona

PORTUGUÊS	LÍNGUA SHONA	
	SINGULAR	PLURAL
Cachorro	imbwa	dzimbwa
Árvore	miti	mamiti
Casa	imba	dzimba
mulher	mukadzi	wakadzi
Homem	murume	warume
professor/a	mudzidzice	wadzidzice
dedo	shikunu	zvikunu

Fonte: Dados da pesquisa

As partes em negrito comprovam a presença de prefixos na língua. Como se disse anteriormente, o shona lida com classes nominais. Portanto, a marcação do número é feita através do prefixo e não do sufixo como acontece em português. Algumas palavras (miti e imba) têm prefixo zero. Isso é recorrente, mas o plural sempre terá uma marcação. É importante referir que a marcação não tem nada a ver com a marcação do gênero, tal como acontece em português.

Uma vez que os falantes do grupo shona em Moçambique estão em contato permanente com os shonas do Zimbabwe ocorre a solidariedade linguístico em que os moçambicanos fazem diversos empréstimos linguísticos do inglês. As línguas oficiais do Zimbabwe são o inglês, shona e ndebele (CHIVHANGA, 2008; VIRIRI, 2004). Então, é recorrente encontrar unidades lexicais vindas da língua inglesa para shona e ndebele e vice-versa. Muitos desses empréstimos lexicais são necessárias

(TIMBANE, 2013) pelo fato de não existir uma palavra equivalente.

Quadro 2: Empréstimos linguísticos do inglês para a língua shona.

PORTUGUÊS	SHONA (pronúncia)	INGLÊS
computador	kombiyuta	computer
livro	bhuku	book
caderno	bhukbhuk	notebook
arroz	ÿ ice	raice
mercado	market	marketplace
cadeira	cheya	chair
telefone	terefone	telefone

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode observar no Quadro 2, as realidades apresentadas são recentes até fazem parte das novas tecnologias. Sendo assim, ocorreu o processo de empréstimos. O processo de empréstimos linguísticos é normal em todas as línguas resultado do contato de culturas, de povos e do desenvolvimento das sociedades.

Os empréstimos linguísticos não empobrecem a língua apenas tornam-a viva e atualizada no tempo e no espaço. Na língua portuguesa, poucos se lembram que as palavras shopping, pendrive, radar, CD, aids, t-shirt provêm do inglês. É que estão enraizadas de tal forma a que sentimos como nossas. Realmente essas palavras já fazem parte da nossa língua. Algumas delas já estão dicionarizadas. Sendo assim, elas fazem parte do acervo lexical da nossa língua.

Isso acontece com as línguas do grupo linguístico shona. Muitas palavras provêm do inglês, do português e de outras línguas do grupo bantu e contribuem para a construir do acervo lexical da língua. É

importante observar sublinhar as palavras provenientes do português resultam pelo fato do português ser a língua oficial de Moçambique. Na segunda coluna do quadro preferimos colocar a pronúncia uma vez que não há uma padronização definida sobre a grafia de palavras estrangeiras. Fica clara a ideia de que há uma relativa tendência dos falantes do shona em Moçambique em privilegiar empréstimos do inglês visto que esta é internacional. Para além disso, todos os países que fazem fronteira com Moçambique têm o inglês como oficial daí a importância desta para o povo shona.

Existe uma única língua shona. É claro que a variação do shona (CHABATA, 2003) influenciado pelas variáveis sociais. Enquanto a variedade do shona de Moçambique recebe influências do português pelo fato de ser língua oficial do país. A variedade do shona falado no Zimbábue recebe influências do inglês porque o inglês é oficial naquele país. Nos dois países, as línguas bantu interferem no shona contribuindo para a dinâmica da língua. As variedades zezuru, karanga, manyika, korekore e budya resultam dessa interação espaciotemporal do shona zimbabweano.

Um estudo de Matereke e Mapara (2009) demonstrou que os limites políticos são diferentes dos limites geográficos porque para além dos dois países há grupos shonas na Zâmbia, no Malawi e no Botsuana. Este estudo é interessante porque comprova a dinâmica dos membros desta comunidade linguística, assim como as interferências que participam na variação linguística.

CONCLUSÕES

Conclui-se que num contexto multilíngue cada língua é usada em contextos

segundo a política e o planejamento linguísticos. O shona é usado em situações de comunicação formal das tradições e em situações cotidianas enquanto que o português é de prestígio político e goza de privilégios na máquina pública e no ensino. Qualquer contato entre línguas, culturas e povos sempre provocará alguma variação na língua, pois todas as culturas e línguas são dinâmicas.

Um grupo étnico (no contexto africano) é constituído por indivíduos que têm uma uniformidade cultural, que partilham as mesmas tradições, conhecimentos, técnicas, habilidades e língua. Por outro lado, a cultura é o conjunto de conhecimentos, crenças, artes, normas e costumes e muitos outros hábitos e capacidades adquiridos pelos homens em suas relações como membros da sociedade.

A memória social é a mais importante, pois é através dela que se transmite conhecimentos de geração em geração, principalmente em sociedades ágrafas. Os provérbios são exemplo dessa beleza sociolinguística (MATEREKE & MAPARA, 2009). Todos os aspetos levantados revelam que a cultura e a etnia se entrelaçam com a língua e juntos criam na sociedade uma identidade própria, que ao longo dos tempos vai se desintegrando e aceitando outras culturas. No mundo globalizado não existe uma cultura homogênea. Toda cultura é resultado de culturas diversas que se misturaram ao longo dos tempos, em diferentes espaços geográficos.

Terminamos afirmando que existe uma relação intrínseca entre a língua e cultura de um povo. Em nenhum momento há uma separação entre os dois. A inexistência da cultura na língua a torna vulgar e sem significados socioculturais. As

línguas artificiais não surgem e nem se desenvolvem sob alicerces da cultura. Por essa razão, o seu crescimento e expansão é suscetível de fracasso. A cultolinguística nos ajuda a compreender como os elementos linguísticos se ligam à cultura. Uma vez que os falantes do grupo shona em Moçambique estão em contato permanente com os shonas do Zimbábue ocorre a solidariedade linguística na qual os moçambicanos fazem diversos empréstimos linguísticos do inglês. Enquanto em Moçambique temos o português que influencia shona no Zimbábue temos o inglês.

REFERÊNCIAS

- AFOMAN, Y. *Mentalidade*. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MkvEJgYdIUU>>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- ANDERSEN, H. L. langue e culture: jamais l'une sans l'autre. *Synergies*. n.4, p. 79-88, 2009.
- CAMARA JR., J. M. Língua e cultura. *Letras*. v.4, p.51-59, 1955.
- CHABATA, E. Linguistic variation in shone with special reference to monolingual dictionaries. *Lexikos*, v.13, p.1-11, 2003.
- CHIVHANGA, E. *The diglossic relationship between shona and english languages in zimbabwean secondary schools*. (Dissertação). Mestrado em línguas africanas. 123p. Universidade da África do Sul. 2008.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- DOKE, C. M. *Report on the unification of the shona dialects*. Oslo. Allex Project, 2005. Disponível em: <<https://www.edd.uio.no/allex/ibooks/Doke/Doke.pdf>>. Acesso em: 27jul.2018.
- GRAND, N.; MAZURU, M. The interface of language and history: the case of shona in Zimbabwe. *Greener Journal of Art and Humanities*. v.3, n.1, p.1-8, jan.2013.
- GREENBERG, J. H. *The Languages of Africa*. Bloomington: Indiana University, 1963.
- GREENBERG, J. H. *Classificação das línguas da África*. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História geral da África: Metodologia e pré-história da África*. v.1. Brasília: UNESCO, 2010.

- GUTHRIE, M. *The classification of Bantu languages*. London: Dawson of Mall Pall, 1967.
- HEINE, B.; NURSE, D. *African languages: an introduction*. Cambridge: CUP, 2000.
- HOIJER, H. "A origem da linguagem." in: HILL, A. A. (Org.). *Aspetos da linguística moderna*. Trad. Adair Pimentel Palácio, Maria do Amparo B. de Azevedo e Maria Antonieta A. Celani. 2.ed. São Paulo: Cultrix. 1974, p.53-61.
- MAHO, J. A. **Classification of the bantu languages an update of Guthrie's referential system.** in: NURSE, D; PHILIPPSON, G. (Ed.). *The bantu languages*. Londres: Routledge, 2003. p.639-650.
- MAILHOT, J. Les rapports entre la langue et la culture. *Meta*. v.14, n.4, p.200-206, déc.1969.
- MATEREKE, K. e MAPARA, J. Shona Ethnoaesthetics: Beauty and the Shona Proverb. *The Journal of Pan African Studies*, vol.2, no.9, p.197-218, march 2009.
- MOÇAMBIQUE. *Constituição da República de Moçambique*. Maputo: Imprensa Nacional, 2004.
- NGUNGA, A. *Introdução às línguas bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, 2015.
- NGUNGA, A. FAQUIR, O. G. *Padronização das línguas bantu moçambicanas*. Maputo: CEA, 2011.
- NGUNGA, A.; SIMBINE, M. C. *Gramática descritiva da língua changana*. Maputo: Imprensa Universitária, 2012.
- NURSE, D; PHILIPPSON, G. (Ed.). *The bantu languages*. Londres: Routledge, 2003.
- PETTER, M. (Org.). *Introdução à linguística africana*. São Paulo: Contexto, 2015.
- RISAGER, K. *Language and culture: global flows and local complexity*. Clevedon: Multilingual Matters Ltda, 2006.
- SANTOS, J. L. dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SAPIR, E. (Org.). *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. (Textos organizados por J. Mattoso Câmara).
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix. 2006.
- TIMBANE, A. A. *A variação e a mudança lexical de língua portuguesa em Moçambique*. 213p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2013.
- VIRIRI, A. The contribution of missionaries to shona lexicography. *Lexikos*. v.14, p.349-358, 2004. Disponível em: <<https://www.ajol.info/index.php/lex/article/viewFile/51430/40084>>. Acesso em: 26 jul. 2018.
- WHORF, B. *Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: MIT, 1956.